

COMPREENDER A PSICODINÂMICA DO FEMINICÍDIO SOB A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE

Renata A. O. Carmo¹

Dr. Antônio Gonçalves Ferreira Jr²

Resumo: O presente estudo busca entender a partir de pesquisa bibliográfica e uma abordagem qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) tem como finalidade a obtenção de dados voltados para compreensão as atitudes, motivações e comportamento de determinados grupos de pessoas, quais os mecanismos psicodinâmicos do crime de ódio do Femicídio, a partir de autores da Teoria Psicanalítica. Foi realizado um apanhado cultural a respeito deste fenômeno que sempre esteve presente na história das sociedades, uma breve explanação sobre a definição do crime e situação deste como consequência mais grave do ciclo de violência contra a mulher. Assim, a Psicanálise possibilita a reflexão do Femicídio por meio de conceitos como o inquietante da figura mulher, pulsões de vida e de morte, agressividade e ódio e ao feminino, aqui compreendido não apenas como um papel socialmente construído da mulher, mas sim como a representação da feminilidade. Sabendo-se que mesmo com o advento da Lei do Femicídio, que agrava a penalidade e configura o crime como hediondo, as estatísticas apontam o crescente índice de assassinatos de mulheres apenas em virtude de seu gênero nos últimos anos, e na maioria das vezes, a morte é ocasionada por seu companheiro ou sujeito com qual a vítima mantém convívio/vínculo afetivo, se faz necessária a reflexão à cerca da psicodinâmica deste fenômeno social, com vistas à promoção de conhecimento, como ferramenta oportuna de discussão, reflexão e combate deste na cultura e sociedade.

Palavras-Chave: Femicídio, feminino, mulher, ódio, psicanálise.

Abstrac: This study seeks to understand from bibliographical research and a qualitative approach, which according to Gerhardt and Silveira (2009) aims to obtain data aimed at understanding the attitudes, motivations and behavior of certain groups of people, what are the psychodynamic mechanisms of hate crime of Femicide, from authors of Psychoanalytic Theory. A cultural overview was carried out regarding this phenomenon that has always been present in the history of societies, a brief explanation on the definition of the crime and its situation as the most serious consequence of the cycle of violence against women. Thus, Psychoanalysis enables reflection on Femicide through concepts such as the disturbing nature of the female figure, life and death drives, aggressiveness and hatred, and the

¹ Graduanda do Curso de Psicologia pelo Centro Universitário Unifamma.
E-mail: renatacarmopsicologia@gmail.com

² Psicanalista. Doutor em Psicologia na área "Subjetividade, Cultura e Práticas Clínicas" pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Instituto de Psicologia - UFRJ). Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PPI-

UEM). Graduado pela mesma instituição (DPI-UEM). É membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sandor Ferenczi (GBPSF). Desde 2011 atua como docente no ensino superior, em nível de graduação e pós-graduação (EPPM- Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá). Estuda e pesquisa temas relacionados à clínica psicanalítica e a cultura. Atualmente tem investigado os temas sobre o amor, o paradigma do infantil e da ternura, pesquisando a repercussão e a interação desses elementos tanto para a teoria e técnica psicanalítica quanto para a descolonização da infância.

feminine, understood here not only as a socially constructed role of women, but as the representation of femininity. Knowing that even with the advent of the Femicide Law, which aggravates the penalty and configures the crime as heinous, statistics point to the growing rate of murders of women just because of their gender in recent years, and most of the time, the death is caused by his partner or subject with whom the victim maintains conviviality/affective bond, it is necessary to reflect on the psychodynamics of this social phenomenon, with a view to promoting knowledge, as a timely tool for discussion, reflection and combat of this in the culture and society.

Keywords: Femicide, female, woman, hate, psychoanalysis

INTRODUÇÃO

As diversas formas de violência contra as mulheres figuram na história da humanidade desde a antiguidade. Nas pinturas dos homens das cavernas, já constavam desenhos dos homens “arrastando” mulheres pelos cabelos, bem como na própria Bíblia, há passagens que relatam crimes como o apedrejamento de mulheres adúlteras, que disfarçados de punições para condutas em desacordo com a moralidade, costumes e tradições da época, naturalizavam estes atos, sendo aceitos pela sociedade da época. Também eram comuns, como sanções às mulheres os estupros de guerra, as mutilações genitais, bem como a tortura e morte em consequência da “defesa da honra”, conforme Romão (2021).

Ainda em nosso cotidiano, milhares de meninas e mulheres ao redor do mundo tem seus direitos humanos violados e são vítimas de alguma forma de violência todos os dias, em sua maioria, por parte de seus parceiros ou familiares: assédio, abusos sexuais, estupros, agressões e torturas físicas e psicológicas, são alguns exemplos deste grave problema fortemente presente em muitos países, e que em última instância, podem culminar em um cruel desfecho, o feminicídio.

Instituído na Lei Nº 13.104 de 09 de março de 2015 de nossa Constituição Federal, o feminicídio é considerado qualificador do crime de homicídio, e ocorre quando o assassinato é cometido contra a mulher por razões da condição do sexo feminino, compreendidas quando envolvem violência doméstica familiar e/ou

menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Esta mesma lei também incluiu o feminicídio no rol de crimes hediondos, aumentando a expressamente a sua punição. O relatório da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre a violência contra a mulher de 2013 define o feminicídio como:

“A instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante”. (Relatório final, CPMI-VCM, 2013, apud Dossiê Feminicídio).

Deste modo, sabendo que o feminicídio é resultado de um ciclo de violências sofridas pela mulher, como abusos físicos e psicológicos, e que mesmo após buscar ajuda, essa mulher continua sendo assassinada, é alarmante à sociedade a gravidade deste crime, que poderia ser evitado.

Os ensinamentos da Psicanálise são valiosos na análise do fenômeno da violência contra a mulher e do feminicídio, e suas colaborações são base para estes estudos e aprofundamento em suas origens. Sendo assim, à partir de investigação literária das obras de célebres autores psicanalistas como Sigmund Freud e Jacques Marie Émile Lacan, a presente pesquisa objetivará compreender quais as origens psíquicas que fundamentam os atos de violência contra a mulher e ódio ao feminino, tendo em vista que são as principais motivações associadas a este tipo de crime.

Portanto, através de pesquisa bibliográfica, fundamentada nas ideias e conceitos dos principais autores da Teoria Psicanalítica, e de abordagem qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) tem como finalidade a obtenção de dados voltados para compreensão as atitudes, motivações e comportamento de determinados grupos de pessoas, o presente artigo visa compreender de que forma a Psicanálise pode contribuir no entendimento do crime de ódio intitulado feminicídio e como ele, apesar das severas punições impostas, continua ocorrendo e crescendo dentro da sociedade. Assim, as informações obtidas para a promoção desta reflexão foram encontradas em estudos aprofundados em livros, pesquisas, artigos e demais documentos que fornecem colaborações relevantes sobre esta temática.

Conforme Romão (2021), à cerca da psicodinâmica do feminicídio, a pulsão

(força constante) e sua representação no inconsciente é governada pela busca do prazer irrestrito, motivo pelo qual alguns mecanismos do aparelho psíquico, como o da repressão agem como um mediador desta, barrando-a caso ela também gere um desprazer, de acordo com a constituição cultural do sujeito. Neste sentido, baseada nos conceitos Freudianos, menciona que a agressividade é uma das pulsões mais primitivas presentes em todos os indivíduos, e deste modo, e para a manutenção do convívio em sociedade, esta deve ser reprimida ou satisfeita por meio de uma adaptação em acordo com o que lhe é permitido segundo as normas rigorosas morais da comunidade. Afirma ainda que além dessa agressividade, também são parte da constituição de todos os sujeitos o amor, o ódio e o narcisismo, e deste modo, caso essa energia agressiva não seja adequada ao pacto social civilizatório e o desrespeito, a libido adentra ao campo simbólico e se torna violência.

Romão (2021) refere também que em razão da ferida narcísica do homem e ao transbordamento da libido ao objeto resultante do estado de paixão, o indivíduo perde sua lógica e tem seus recalques suspensos, retornando à sua perversão infantil, só que em fase adulta, onde há a fixação em um objeto como forma de completude, e perde-lo pode ser intolerável. Ainda segundo a autora, em uma sociedade machista, esse narcisismo do homem é reforçado através da supervalorização do objeto sexual, contudo, este não desenvolve seu status de castrado, e sendo assim, possui maior tolerância na realização de seus desejos narcísicos, e em nome destes, comete atos absurdos, como os atos de violência contra a mulher e o feminicídio.

Já na concepção Lacaniana da Psicanálise, divergindo do entendimento do sistema jurídico, segundo Riguini e Marcos (2018) o feminicídio não seria um crime motivado pelo ódio à mulher, quanto gênero construído socialmente, mas sim endereçado feminino, em razão do horror ao seu gozo e às suas subjetividades. A violência humana também é considerada como essencial do sujeito, sendo a pulsão de morte seu imutável elemento, entretanto, relaciona este ódio à distinção apresentada no mundo pelo corpo da mulher e pelo gozo feminino, as alteridades da mulher e a primazia do falo, diferenças subjetivas existentes entre os sexos.

Conforme Riguini e Marcos (2018) na perspectiva psicanalítica, o feminicídio é compreendido como um crime endereçado ao feminino, ou seja, existe na prática deste tipo de violência um componente odioso diante da feminilidade e do horror ao

gozo feminino.

Quanto ao Feminino, segundo Pereira (2010), é possível verificar o entrelace entre esse conceito e a Psicanálise, pois, foi a partir do reconhecimento da existência de pulsões sem representação e contrárias à pulsão de vida, que surgiram as primeiras noções em feminilidade, motivo pelo qual a ela foi atribuída essa ideia de proximidade à morte, não totalidade, ausência ou “nada”, já que não se pode compreendê-la através do operador fálico. Neste sentido, a mulher seria uma espécie de enigma, que por ser não-toda em sua inscrição na ordem simbólica, tem a possibilidade de um gozo suplementar e ilimitado, não restrito a esse falo, e que causa horror tanto aos homens quanto às próprias mulheres.

Entretanto, para Pereira (2010), apesar de na teoria freudiana a sexualidade humana ser concebida a em torno do falo e estruturada por ele (sua presença ou ausência), a feminilidade é vista como originária do psiquismo e da cisão do eu, e não está relacionada a um gênero, mas sim a uma condição que faz parte da constituição tanto dos homens quanto das mulheres. Contudo, essa cisão nada mais é que a estrutura vazia, ou seja, a própria feminilidade, e como essa condição de um Eu cindido que implica em uma falta nos causa horror, o sujeito passa a vida toda tentando eximir-se dela em busca de tornar-se inteiro, e sendo assim, repudiando-a.

Deste modo, por meio dos conceitos da teoria psicanalítica, o entendimento deste problema figura sob conteúdos mais profundos do psiquismo na relação algoz e vítima, e contextualizando a violência contra a mulher ao longo da história, Riguini e Marcos (2018) ainda mencionam que apesar das grandes conquistas alcançadas e vivenciadas por estas atualmente, a mulher nunca em posição tão vitimada, e creditam este fato “ (...) á um aumento da violência como modo de fazer vínculo como Outro sexo por parte dos homens” (pg.3), diante da fragilidade na configurações das relações nos dias de hoje.

Sobre a questão da violência de gênero na cultura, tais autoras também discorrem tratar-se de uma questão universal presente em todas as sociedades, estando vinculada com a capacidade de cada sujeito em lidar com as diferenças subjetivas entre os sexos e com a representação mulher e suas alteridades, uma vez em virtude da ausência de castração, o feminino é impresso como estranho, maligno, cujo mistério pode mobilizar sentimentos de ódio e horror por causa deste desconhecido, ou até mesmo tornar-se insuportável ao sujeito, culminando no desejo

de sua aniquilação. Essa alteridade também é questão envolta em mistério para as próprias mulheres, que vivenciam este enigma no próprio corpo feminino, e que muitas vezes vislumbram na maternidade um recurso para conter o horror direcionado a ele.

Deste modo, se faz importante a reflexão à cerca de quais os mecanismos psicodinâmicos que compõem a motivação odiosa do agressor ao cometer este crime hediondo contra a mulher e àquilo que ela representa, tendo em vista que a maioria das sociedades atuais ainda são predominantemente dominadas por ideologias machistas que colocam as mulheres em posição de vulnerabilidade, sendo assassinadas diariamente apenas por serem mulheres. Mesmo com legislações mais severas, o feminicídio ainda continua crescendo, portanto, a produção e promoção de conhecimento à respeito do tema surge como uma alternativa para a conscientização da sociedade à cerca da gravidade da realidade, assim como uma oportunidade de evolução à partir deste entendimento.

O FEMINICÍDIO

A violência contra as mulheres é atemporal. Esteve presente desde os tempos primórdios e se perpetuou ao longo dos anos, e sabe-se que, na sociedade atual, mesmo com o advento de leis que visam a proteção das mulheres, os crimes de ódio causados contra este grupo têm aumentado significativamente a cada ano. O Brasil possui a 5º maior taxa de feminicídio no mundo, e de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), órgão que divulga anualmente os dados referentes à violência contra as mulheres, entre 2016 e 2021, os crimes de feminicídio cresceram cerca de 44,3%, passando de 929 casos, em 2016, para 1.341. Isto significa que a cada 7 horas, ao menos uma mulher é assassinada em nosso país simplesmente em razão de seu gênero. O anuário também revela, que aproximadamente 82% das mortes foram cometidas pelo companheiro ou ex-companheiro da vítima, e que mesmo com a criação de mecanismos que visem garantir a proteção a mulher como Instituição do Plano Nacional de Enfrentamento ao Feminicídio (2021), as tentativas de feminicídio tiveram um aumento de 3,8% em relação ao ano anterior.

Deste modo, constitui-se uma questão urgente, que demanda atenção e estudos, com vistas a compreensão deste fenômeno, suas origens, mecanismos de funcionamento e motivações, para que seja possível combatê-lo e preveni-lo. O

feminicídio é definido como o assassinato praticado pelo homem contra o sexo feminino, exclusivamente motivado pelo ódio e desprezo por este gênero, sendo o último estágio de um ciclo de violências sofridas pela mulher. É a consequência mais grave, que culmina na morte da vítima, e afeta diversas áreas da sociedade trazendo grandes prejuízos a ela como um todo.

Dentre as principais causas apontadas na prática deste crime estão a desigualdade de gênero, fruto do patriarcalismo e suas ideologias machistas ainda dominantes na cultura, cuja organização social e doutrinas colocam o homem em posição de poder diante da mulher, objetificando-a e a inferiorizando diante da figura masculina. Contudo, segundo Riguini e Marcos (2018), os estudos em Psicanálise vão mais a fundo na investigação do tema, postulando que as motivações para os atos deste tipo de violência não são direcionadas à mulher, entendido neste caso como gênero construído pela sociedade, mas sim, ao feminino, ou seja, alguns elementos da subjetividade feminina que gera ódio tanto nos homens, quanto em mulheres também.

FEMINILIDADE E PSICANÁLISE

De acordo com Valdiva (1997), a especificidade do feminino está presente na Psicanálise desde sua origem, uma vez que Freud inicia sua teoria e práticas na clínica por meio da escuta de mulheres histéricas, que falavam a cerca de desejos, culpa, ódio e amor. Entretanto, na continuidade de seus estudos, o feminino e sua sexualidade pouco foram abordados pelo autor, que construiu a teoria psicanalítica sob paradigmas masculinos, o que implica em compreendê-la como falocentrista.

Na conferência XXXIII, intitulada “Feminilidade”, o próprio autor expressa sua dificuldade em abordar o que intitula “o enigma da natureza da feminilidade”, e apresenta algumas questões do ponto de vista científico da questão de gêneros. Freud (1932) afirma, que apesar de no senso comum, a distinção entre homem e mulher é realizada apenas com base nos órgãos sexuais, a ciência também propõe uma perspectiva diferente desta, uma vez que homem e mulher são concebidos de uma mesma matéria e tanto um gênero quanto o outro possuem partes do aparelho sexual reprodutório do oposto, sugerindo assim, uma noção de bissexualidade. Neste sentido, pontua que os indivíduos não seriam apenas homem ou mulher, mas sim ambos, variando apenas a medida em que feminino e masculino se estabelecem,

possuindo uma qualidade variável e fluída desta condição.

Portanto, o falocentrismo, segundo Roudinesco e Plon (1998), foi um termo criado em 1927 e que figura na teoria freudiana da sexualidade feminina e da diferença entre os sexos, onde os autores afirmam que o falo, órgão masculino compreendido em um sentido mais simbólico, seria o centro de uma libido de essência viril, em torno do qual se dão as maiores representações de uma doutrina.

Assim, o que definiria homem ou mulher estaria muito além do que a ciência poderia explicar. Propõe que esta discussão também permeia além do biológico, adentrando também o campo psicológico, uma vez que já tem pré-estabelecidas socialmente as condutas atribuídas ao gênero masculino e ao gênero feminino, sendo que ao primeiro, estaria vinculado ao que é ativo, e ao segundo, a passividade. Assim, Freud (1932/1996) inicialmente busca na biologia argumentos que sustentem esta ideia, como a dinâmica da concepção e do coito, onde em ambos, é o macho (e o espermatozoide) que vai ao encontro da fêmea para que o processo ocorra, entretanto, adiante informa aos leitores que reduzir toda a subjetividade do que feminino e o que é masculino ao campo das funções sexuais de ambos é inadequado.

O autor conclui que seria característica do feminino a preferência por fins passivos, ainda que para atingi-los, seja necessários meios ativos, ressaltando a distinção deste conceito da passividade e conferindo a sociedade importante contribuição para este fato, uma vez que a mulher é destinada a essa posição passiva e de contenção de sua agressividade inata pela própria. Desta maneira, Freud (1932/1996) afirma que a psicologia é incapaz de solucionar esse mistério da natureza feminina, referindo-se ao que se idealiza mulher como “indivíduos humanos que possuem genitais femininos”, e limitando o empenho da psicanálise em investigar como a bissexualidade evolui para o que se configura como a mulher.

Na psicanálise, nas primeiras fases do desenvolvimento é possível perceber a natureza individual do que se entende por feminino, pois segundo Freud (1932/1996) as “meninhas” possuem natureza mais dócil e auto-suficiente do que os meninos, entretanto, no que tange ao desenvolvimento libidinal, as análises realizadas com crianças mostraram que ambos os sexos parecem passar pelas fases da mesma forma, expressando em análise os mesmos níveis de agressividade. Afirma, que enquanto na fase fálica, os meninos são ocupados pela descoberta da obtenção de prazer através do pênis, as meninas também o fazem por meio do clitóris, aqui

entendido como um “equivalente do pênis”. Assim, é no desenvolvimento da menina para a mulher que essa feminilidade se estabelece, pois o prazer é compartilhado não apenas pelo clitóris como também na vagina.

Conforme Roudinesco e Plon (1998), à cerca do conceito de libido, os autores explicam que Freud teve de voltar sua perspectiva para a infância, nos *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”* (1905/1996) para compreender a sexualidade infantil e a libido, como uma dimensão fundamental da pulsão que fixa-se em objetos e objetivos, caracterizando assim as fases do desenvolvimento psicosssexual. São quatro estágios definidos por Freud (1905/1996) onde a libido é investida em diferentes zonas erógenas: Fase oral, relacionada ao período de amamentação/sucção; Fase anal, associada à defecação; Fase fálica, com a descoberta do genital e da masturbação, ou seja, a libido ainda permanece investida em si mesmo, e a fase genital, onde a libido é direcionada ao outro como objeto. Ainda segundo os autores, à pulsão atribui-se um caráter viril, de natureza masculina, presente tanto nos meninos quanto nas meninas, e a fase fálica representa a unificação das pulsões parciais, através da supremacia do falo, como órgão sexual masculino, cujo complexo de castração é construído em torno dele.

Freud (1932/1996) explica que inicialmente, para as meninas, a mãe também é o primeiro objeto de amor devido ao suprimento das necessidades básicas do bebê, contudo durante o Édipo, o objeto de desejo delas passa a ser o pai, o que implica na mudança de uma perspectiva masculina para feminina, e assim, o autor se interessa por como esta mudança acontece e para tanto, dedica-se a investigação da natureza da relação libidinal da menina com a mãe. À época, menciona uma espécie de atração natural que conduziria a este desejo entre homem e mulher, fato nos dias de hoje é sabidamente sem fundamento, conhecendo-se a enorme pluralidade que abrange a sexualidade humana.

Assim, o mesmo autor relembra, no período em que realizava suas análises com mulheres histéricas, o constante discurso de abuso sexual por parte do pai, o que posteriormente descobrira tratar-se de uma fantasia de sedução típica do complexo de Édipo nas mulheres, a qual na verdade está relacionada com a mãe, que nos primeiros cuidados concedidos a criança, despertara as primeiras sensações prazerosas no órgão sexual da menina.

Portanto, no Édipo feminino, segundo Freud (1905/1996), não ocorre apenas

a troca objetal de mãe para pai, mas que o afastamento da menina é acompanhado de sentimentos hostis para com essa mãe, cuja motivação pode estar relacionada as suas fases mais primitivas, onde o apetite do bebê é insaciável a perda do seio materno, que não foi superada. Porém, apesar de tentativas acima elencadas, acaba por constatar que também não é possível afirmar com certeza, como este vínculo entre mãe e menina é cessado.

Neste sentido, Freud (1905/1996) insere neste processo o conceito de castração, definido por Roudinesco e Plon (1998) como “o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” (pg. 105) e retomando a primazia do falo, lança mão de mais uma hipótese de estudos quanto a constituição da feminilidade, desta vez, vinculada ao que denominou complexo de castração feminino, que se dá quando as meninas descobrem as diferenças anatômicas de seu corpo diante dos meninos, e sentindo-se injustiçadas e com inveja do pênis, o que segundo o autor, produzirá consequências psíquicas ao longo de sua vida. Na psicanálise, a descoberta do fato de ser castrada seria um divisor importante na vida da menina, e a partir dele, seriam três as possibilidades de elaboração: o desenvolvimento de uma neurose de castração ou inibição de vida sexual; a adoção de comportamentos que alcancem a masculinidade ou feminilidade comum. Portanto, é no complexo de Édipo feminino que a menina transfere este seu desejo de obter um pênis para o pai, que o possui, e passa a rivalizar com a mãe, que é quem recebe deste pai o que ela deseja.

Deste modo, afirma que diferentemente da resolução do complexo no menino, que por medo da castração o reprime e internaliza, culminando na formação do Superego, a ausência deste temor implica em uma resolução de período indeterminado, o que segundo Freud (1932/1996) prejudica a formação do Superego na menina, comprometendo as funções psíquicas por ele desempenhadas, justificando as limitações impostas as mulheres pela cultura e sociedade.

Aqui se percebe, novamente, o quanto esta estranheza diante do mistério do feminino, que não pode ser quantificado, conhecido por inteiro, repercute nessa disposição masculina em manter a mulher em posição de inferioridade, sempre sob o domínio do homem.

Neste sentido, nos perguntamos qual seria o lugar deste enigma que envolve ao feminino como motivação dos crimes de ódio como o feminicídio? Assim, visamos

a compreensão da psicodinâmica deste crime sob os conceitos da psicanálise, buscando entender as origens deste ódio ao que a mulher representa, bem como os componentes desse ciclo de violência que culmina na aniquilação da vítima.

Sigmund (1932/1996) atribui, a este “enigma” possíveis resquícios das disposições bissexuais iniciais, permitindo que as mulheres transitem ora pelo feminino, ora pelo masculino, assim como a energia indeterminada da libido, sendo impossível caracterizá-la precisamente. Ainda neste sentido, versa sobre outras peculiaridades psíquicas da feminilidade, como maior narcisismo e necessidade de ser amada, maior vaidade física diante do entendimento de sua “inferioridade sexual original”, e a vergonha típica das mulheres em mostrar suas genitais, que segundo o autor, seria em virtude de sua “deficiência genital”. Neste sentido, refere que esta vergonha feminina também pode ser percebida em outros campos da vida social das mulheres ao longo da história, considerando que não há muitas contribuições femininas marcantes na história da civilização.

Nota-se, que mesmo com toda a dificuldade em definir o que é de fato a feminilidade e quais caminhos levam a constituição da mulher, Freud (1932/1996) insiste na formulação de hipóteses investigativas, baseados nos conhecimentos científicos da época, mas tendo sempre como ponto de partida o falo e a mulher como uma “derivação” dos processos de desenvolvimentos primordialmente descritos no homem, e afirmando que tudo o que se poderia ser estudado acerca da feminilidade seria apenas com base na natureza das funções sexuais das mulheres, demonstrando assim o viés machista e de inferioridade da mulher, observado na construção da Psicanálise. Contudo, apesar as obras freudianas, postularem a mulher como este ser faltante, incompleto e enigmático e centralizarem a figura principal no pai, a teoria psicanalítica mais adiante, contou com novos autores que repensaram a questão da constituição da gênese humana sob outros prismas, como a ideia da mãe no centro deste processo e a feminilidade anterior ao registro fálico, o que seria assim, uma condição inerente a todos os indivíduos, discussões trazidas pela autora também psicanalítica, Melanie Klein.

Assim, Klipan (2022) afirma, que foi a partir destas tentativas em compreender essa passagem do vínculo da menina com a mãe para um vínculo como pai, que se permitiu pensar as várias condições de construção da subjetividade de um sujeito, caminho pelo qual se conduzem as obras kleinianas.



Kehl (2008) se propõe a investigar na clínica psicanalítica, como se dá a relação entre a mulher, a figura feminina e a feminilidade. Deste modo, afirma que estes três conceitos distintos organizam-se de modo diferente em cada indivíduo, e apenas à partir desta compreensão, é possível estudá-los. Segundo a autora, após várias tentativas em formular cientificamente uma teoria que elucidasse a gênese da masculinidade e da feminilidade, a teoria freudiana limita-se ao entendimento de que nos tornamos homem ou mulher a depender da dinâmica percorrida durante o Complexo de Édipo e a sua resolução. Contudo, Kehl (2008) explica que culturalmente esta definição já nos é imposta logo no nascimento, de acordo com o sexo biológico do bebê e pertencendo ao campo do Real, da anatomia do corpo da qual não se pode fugir, a qual classifica os sujeitos em homem ou mulher, com base no órgão sexual com o qual nasceu. Diante desta definição de gênero, a criança recebe um banho de linguagem, significantes, simbólicos e expectativas tanto dos pais quanto da sociedade, à cerca de como este deve se identificar e agir perante o mundo, quais os atributos devem ser seguidos de acordo com este gênero, assim como são determinados os seus desejos e os objetos dele.

Neste contexto, essas são as posições masculina e feminina, estão vinculadas ao gênero e correspondem, de acordo com a teoria freudiana, respectivamente a “ativo” e “passivo”, ora sujeito e ora objeto. Portanto, a posição feminina e a posição masculina, segundo a autora, por relacionarem-se ao conceito de gênero estão relacionadas as atitudes, constituição do indivíduo enquanto sujeito e de sua identidade, não necessariamente em concordância com esta determinação sexual que lhe foi atribuída ao nascimento. Já a masculinidade e a feminilidade, figuram no campo do imaginário, as quais segundo Kehl (2002) explica estarem relacionadas tanto com as identificações que compõem o Eu, quanto ao modo em que estas se articulam na tríade falo, falta e desejo.

Assim, a feminilidade na Psicanálise estaria ligada a ideia de castração, e na ausência do falo a mulher, em uma condição de falta absoluta, entregaria-se ao homem como este, já que apenas o desejo dele poderia completá-la. Assim, a mulher seria compreendida como um ser faltante, cuja ausência deste falo produzirá consequências ao longo de toda a vida. Ainda neste sentido, Kehl (2002) explica que, mesmo a construção dos conceitos de mulher, feminino e feminilidade também perpassem sob a ótica falocentrista, já que só podem ser pensados diante do homem,

da posição masculina e da masculinidade.

FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA

Klipan (2022) ressalta a reflexão dos conceitos de feminino e feminilidade ao longo da história e na psicanálise sob duas perspectivas distintas, porém, complementares: pelo viés histórico, o estudo perpassa como o feminino é construído e compreendido culturalmente desde a antiguidade a sociedade atual; Já pelo viés teórico, a feminilidade pode ser estudada dentro da teoria psicanalítica de Freud, como produto dessa cultura e que influencia diretamente em sua elaboração.

Deste modo o autor afirma que, ao longo da extensa história da humanidade, o papel atribuído a mulher nas sociedades é o da procriação, ou seja, produzir, gerar e criar filhos, e que àquelas que por ventura buscam distanciar-se deste destino, são hostilizadas. Assim, declara que durante o período da modernidade, o surgimento da psicanálise também colabora com mudanças no paradigma social da mulher, sendo um espaço para sua discussão. Desta maneira, citando Simone de Beauvoir, Klipan (2022) retoma a ideia da autora de que “não se nasce mulher, torna-se mulher” refletindo a invenção do dito feminino e o lugar que ele ocupa na sociedade e as limitações a ele por ela impostas e naturalizadas, e que ainda são herdadas culturalmente ao longo das gerações.

Questiona, a noção de inferioridade da mulher diante do homem, por vezes justificada sob o argumento de menor força física e demais características biológicas do corpo mulher, o qual nos dias de hoje já não é mais cabível, tendo em vista tanto a tecnologia avançada disponível na realização de quaisquer atividades quanto o fato de vivermos em uma sociedade civilizada, regida por leis que orientam a conduta de seus membros, não sendo necessário o uso da força física em uma escala hierárquica. Neste sentido, afirma que esta ideia de inferioridade feminina em uma sociedade predominantemente machista, tem por objetivo apenas o reforço da condição de poder do gênero masculino sobre o feminino. Figura também, no que tange a Psicanálise, nas obras Freudianas como Totem e Tabu, onde este busca explicar a gênese do ser humano por meio do mito do Pai Primevo, que é reatualizado no Complexo de Édipo, pelo qual todos os indivíduos passam, postulando uma identificação do homem à este pai no intuito de internalização de regras, contudo, culmina em uma ausência desta referência para as demais espécies de indivíduos que se diferem, como aqui sublinhadas, as mulheres.

Neste contexto, Klipan (2022) busca a compreensão, em princípio, de como surgiu essa hierarquização social e em sua obra afirma a divisão do trabalho teve papel determinante nesta concepção. Os homens, trabalhadores e produtivos, passaram a acumular bens como terras, outros homens e mulheres, e assim, tornaram-se a figura de poder, a autoridade familiar, uma vez que o trabalho doméstico das mulheres era desvalorizado diante deste cenário. Essa acumulação de riquezas passou a ser sistematizada com a propriedade privada e a instituição da dinâmica de herança, repassada junto a autoridade da família sempre para os homens, culminando na base para o sistema do patriarcado, composto por três pilares: Exogamia, agnação e domínio sobre a mulher.

Do ponto de vista histórico e cultural, ainda outras constituições podem ser estudados como colaboradores para a visão superior do gênero masculino em relação ao feminino ainda tão fortemente nos dias de hoje, como por exemplo a ideia de natureza das coisas de Aristóteles, onde de acordo com o filósofo, o homem seria um animal, e assim como no reino da natureza, este seria soberano diante de seus escravos e mulheres, e que apenas se essas disposições hierárquicas funcionassem e cada um obedecesse as suas respectivas atividades, existiria um equilíbrio que garantiria a organização social. Neste sentido, na Grécia Antiga, a mulher estaria em posição semelhante de uma criança, cuja doutrina e cuidados eram pertencentes ao homem, assim como também ocorria na Roma da Antiguidade. Mais tarde, esses ideais filosóficos foram adotados como base pelo cristianismo, propagando e fortalecendo essa concepção de submissividade feminina.

Avançando um pouco mais na história, no período da Idade Média, essa configuração da mulher como propriedade ainda se mantinha, assim como ausência de muitos de seus direitos, como por exemplo, a proibição legal da época que ela fuge a regente de um feudo, pois não teria força suficiente para tanto. Assim as mulheres eram tratadas de modo muito hostil e tinham valor comparado ao de um objeto, muitas vezes até inferior a um animal, e por isso, eram vistas apenas como terras e possibilidade de acumulação de riquezas, sendo os matrimônios apenas operações contratuais. Porém, de acordo com Klipan (2022) com o advento do chamado amor cortês, as mulheres ganharam um pouco mais de autonomia, no que tange a opção de escolha de seus parceiros, que agora, a viam como alvo de amor e desejo. Assim, surgem as bruxas, que seriam aquelas mulheres que cedem as tentações e prazeres

da carne, possuídas pelo demônio.

AGRESSIVIDADE E PULSÕES

O ódio e agressividade são temáticas recorrentes nas obras de Freud, as quais embora tenha tido certa resistência no início em analisar, atribuída por ele a sentimentos afetivos, moralidade e até mesmo dogmas religiosos, ao longo os anos o autor lhes conferem espaço em seus escritos, assim como para ele, ambos constituem, importantes recursos no processo de formação do sujeito, de seus vínculos e, por consequência, de toda a sociedade.

Essa inclinação à agressividade inata dos indivíduos representa uma das principais ameaças à cultura de uma civilização, constantemente a colocando em situação de perigo, uma vez que ao menor sinal de ausência de regras ou princípios que a coíbam, esta se manifesta de maneira voraz e primitiva, inclusive entre os próprios indivíduos a que ela pertence e a seus valores pactuam (Santos, 2016).

Prova disso, é a análise da história da humanidade e das civilizações, repletas de massacres, matanças de povos, guerras, e barbáries, como por exemplo, o Holocausto, a Guerra no Iraque e muitos outros. Ainda neste sentido, em cartas trocadas pelo autor e por Albert Einstein por volta de 1932, ambos discorrem sobre o apetite destrutivo humano que reverbera em situações de guerra ou de multiplicação de atos brutais na ausência de inibidores dessa agressividade, postulando que a guerra evidencia aquilo de mais primitivo que possuímos em nós.

Isto posto, faz-se necessária a reflexão a cerca dessa agressividade como uma disposição pulsional autônoma, compartilhada por todos os sujeitos e a qual o convívio em sociedade nos exige o severo sacrifício da renúncia, mas que embora contida, se faz presente e busca formas de satisfazer-se, estando intimamente relacionada ao ódio, um dos principais objetos de estudo desta produção.

Em *A Pulsão e seus Destinos* (1915) Freud nos apresenta a pulsão como um estímulo oriundo do interior de indivíduo, de grande impacto e força constante, cuja necessidade só cessa quando satisfeita, ou seja, quando sua meta é atingida. Em si, as pulsões não são boas e nem ruins, e dividem-se em dois grandes grupos, onde a partir destas derivam-se as demais: as chamadas pulsões de autoconservação, ou pulsões do Eu, e as pulsões sexuais. O objeto é o meio pelo qual a pulsão se esforça em atingir essa satisfação, e não a sua finalidade em si, não havendo relação



direta entre ambos, se não a potencial capacidade do objeto eleito em realiza-la. Assim, pode-se inferir que essa agressividade inata, e esta pulsão de morte cuja meta é a destruição, tem como objetivo sua satisfação, não importando o objeto. O homem já nasce com este ímpeto agressivo, contudo, não é fácil cumprir as severas exigências que nos impõe a civilização, e estas limitações pulsionais resultam em uma grande carga psíquica, ainda mais penosas em se tratando da agressividade. Deste modo, conforme Freud (1905), assim como nossos instintos sexuais são progressivamente reprimidos pela cultura ao longo de nossa vida, os impulsos hostis também são, impelidos a serem controlados, reprimidos, porém, essa pulsão continua latente e buscando uma vazão, uma forma de ser satisfeita, e por desconhecer limites, a exige a qualquer custo.

Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) afirma que tanto a sexualidade quanto essa inclinação agressiva já se fazem presentes nos primeiros de vida do bebê, onde inicialmente as pulsões de autoconservação (sobrevivência) e as pulsões sexuais estão interligadas, pois este obtém prazer em seu próprio corpo, e seus objetos de amor em princípio são ele mesmo e sua mãe, aquela que o acarinha, o alimenta, o cuida e o protege. Entretanto, por ainda ser um ser prematuro e repleto de pulsões (cujos estímulos internos não podem ser evitados), a criança não tem a compreensão à respeito da existência de um interior e um exterior, e é possível perceber essa manifestação da agressividade quanto não tem suas necessidades satisfeitas, expressa por meio do choro, gritos, entre outros.

Entretanto, em *Além do Princípio do prazer*, Sigmund (1920) passa a denominar esse dualismo pulsional de pulsão de vida e pulsão de morte, onde a primeira objetiva a ligação, a construção e crescimento das coisas, e a segunda, busca o retorno ao estado inanimado, de morte. Afirma ainda que da ação combinada entre elas se constitui a vida do sujeito, produzindo todas as suas manifestações até a sua morte, e sendo assim, não se pode determiná-las como pulsões exclusivas, mas sim, influenciadas uma pela outra, em diferentes proporções. Ainda segundo o autor, as manifestações da pulsão de vida são muito mais perceptíveis e externadas, enquanto que a de morte atua no silêncio, o que dificulta seu estudo e percepções. Como ilustração, verificamos a pulsão de autoconservação, que necessita dispor da agressão para atingir seu propósito, já que para a concretização do ato de comer, há a destruição do alimento.

Deste modo, tanto a pulsão de autoconservação quanto a pulsão sexual exigem, necessariamente, uma mistura com o componente agressivo para surtirem efeito. Conforme explica Santos (2016), as nuances no misto entre essas pulsões produzem efeitos importantes, tendo em vista que, a agressividade no ato sexual, por exemplo, em demasia pode transformar um amante em um assassino, ou em insuficiência, em um impotente.

Á este respeito, segundo Santos (2016), Sigmund afirma que o toque e o contato físico são a necessidade imediata tanto dos investimentos objetivos afetivos quanto dos agressivos. Eros esforça-se pelo contato, pois anseia pela união e pela anulação daquilo que o separa do objeto amado. Mas também a pulsão destrutiva que, antes da invenção de armas de ação à distância, só poderia satisfazer sua fonte estimuladora de perto, tendo como premissa o contato corporal, essa conjunção.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1920), a meta das pulsões sexuais seria o prazer do órgão, e a agressividade encontrada no sadismo é reconhecida por Freud como um elemento inerente à sexualidade normal. Logo, para o autor esta seria um componente da normalidade nas relações sexuais, ou seja, para a maioria dos indivíduos a sexualidade exhibe essa tendência a subjugação, em alguma medida. Contudo, quando a predominância da agressividade na pulsão sexual é demasiada, tornando-a o elemento principal da atividade sexual e condicionando a satisfação exclusivamente aos ataques impostos ao objeto, temos a perversão sádica propriamente dita. Já no masoquismo, também dotado de níveis de normalidade segundo Freud (1915/1996) a perversão estaria presente quando ao contrário do sadismo, a condição para a satisfação sexual seria reduzida ao ato de sofrimento físico ou psíquico, por parte do objeto sexual. Deste modo, a Psicanálise nos conduz, portanto, da perversidade à universalidade tanto do sadismo, quanto do masoquismo. Assim, o masoquismo é compreendido como o retorno do sadismo ao próprio eu.

Ainda nesta obra, Freud discute sobre a estreita relação entre a crueldade e a sexualidade, indicando que a crueldade a pulsão sexual são interligadas, como misturas entre Eros e Tânatos. O sadismo seria a ação violenta dirigida a um objeto, enquanto que no masoquismo, seria esse objeto seria substituído pelo próprio sujeito, em uma dinâmica de transformação da meta pulsional ativa em passiva, e conforme o autor, é nesta relação entre crueldade e a libido que ocorre a transformação do amor

em ódio e de sentimentos amorosos em hostis (FREUD, 1905/1996).

Assim, em *A pulsão e seus Destinos* (1915), além de discorrer sobre a origem e demais conceitos inerentes as pulsões, Freud discute quais seriam os seus destinos ao longo da vida, considerando que esta nunca é satisfeita em seu objeto original, já que acessando a essa satisfação toda, seria o mesmo de atingir ao gozo, representado a morte. Deste modo, o autor apresenta a partir de suas observações as seguintes destinações para as moções pulsionais: a reversão em seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa, o recalque e a sublimação, sendo que nesta obra, o autor atem-se apenas a descrição dos dois primeiros conceitos.

A reversão em seu contrário refere-se apenas as metas da pulsão e compreende dois processos distintos, que são a passagem de uma pulsão da atividade para a passividade e a inversão do conteúdo. Segundo Freud (1915/1996) o primeiro processo pode ser observado a partir dos pares como sadismo e masoquismo, onde este componente agressivo e sádico da meta pulsional passa da ação sobre o objeto, como no caso do sadismo, para ser objeto da ação, no caso do masoquismo. Já a inversão do conteúdo em seu contrário é encontrada em apenas uma condição específica: a transformação do amar em odiar.

Quanto ao destino de retorno em direção a própria pessoa, o autor também toma os conceitos de sadismo e masoquismo como exemplo, considerando que o masoquismo pode ser compreendido como o retorno dessa inclinação sádica da pulsão sexual ao próprio Eu, havendo neste processo apenas a mudança do objeto, mas não da meta pulsional, pois a pulsão é sempre ativa, ainda que possua um fim passivo.

ÓDIO EM FREUD

Lemos (2019), afirma que falar de ódio em Freud também é falar sobre o amor, pois ao longo de seus escritos, o autor demonstra a relação e importância desses dois construtos simultâneos e ambivalentes tanto na constituição do sujeito como de suas relações e da sociedade de modo geral. Pontua que as primeiras menções ao ódio foram realizadas por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), onde percebeu certa resistência de sua parte em analisá-lo, tendo em que vista tratar-se de um sonho com Otto e Irma onde se vingava de ambos por conta de fatos ocorridos recentemente que lhe deixaram aborrecido, e a esta resistência atribuiu o fato da ambivalência de sentimentos que nutria por eles, pois apesar de amá-los, também estava presente um



desejo odioso. Dentro da psicanálise, também é possível analisar as primeiras manifestações de ódio nos primeiros anos de vida do bebê, onde este, a medida que percebe a existência de um mundo interior e mundo exterior, e tem como objetos de amor a si mesmo e a mãe, que atende as suas necessidades de sobrevivência e também as afetivas, abomina àqueles que se opõem entre este vínculo, assim como também nutre sentimentos hostis para com esta mãe, quando ela não atende às suas expectativas e demandas imediatas.

Portanto, defende Freud (1915/1996) a importância desta ambivalência de amor e ódio na constituição do sujeito, pois:

O ódio [...] provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulo. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os instintos auto preservativo [sic], de modo que os instintos sexuais e os do ego possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio. Quando os instintos do ego dominam a função sexual, com é o caso na fase da organização anal-sádica, eles transmitem as qualidades de ódio também à finalidade instintual (FREUD, [1915] 1996, p. 143-144)

Neste sentido, em um movimento narcisista, o Ego tenta obter prazer por meio da incorporação de objetos que a ele o possam proporcionar, valendo-se do amor, contudo, quando não obtém sucesso, ele repudia este objeto, direcionando-o ódio. Em outras palavras, o Ego tenta manter o que lhe dá prazer através do amor, e o que lhe causa desprazer por meio do ódio, que neste caso, atua em defesa deste Ego. Mais tarde, durante a fase de desenvolvimento sexual em que atinge o Complexo de Édipo, evento que promove a constituição da personalidade do sujeito, essa ambivalência de amor e ódio também é experimentada pelo indivíduo, uma vez que este ama os pais e os admira, contudo, tendo a mãe como objeto de amor e o pai como rival que o impede de realizar o seu desejo, vê na figura paterna essa representação de sentimentos contraditórios, cuja solução do conflito permite que este ingresse de forma mais efetiva ao mundo social, incorporando regras, moralidade, entre outros. É apenas após vivenciar todas as fases de desenvolvimento na infância, e atingir a puberdade que o sujeito passa do autoerotismo para a consideração de outro objeto sexual externo à ele que satisfaça suas necessidades eróticas e interpessoais, que seria o outro. Assim, para que haja esse investimento no objeto surge a libido do Ego, ou a chamada libido narcisista, e é através de sua relação com a crueldade que ocorre a conversão dos sentimentos amorosos aos odiosos (FREUD,

1915/1996).

Destarte, Santos (2016) postula que o cuidado e o amor para com o objeto não são dados de início, pois primeiramente o objeto é alvo das pulsões agressivas, e para que esta relação seja sustentada, se faz necessária a renúncia da agressividade e a satisfação pulsional imediata, pois não somente estas podem implicar na aniquilação do objeto, como também este pode não tolerar ser alvodessa hostilidade. Deste modo, para o autor, o ódio seria mais antigo que o amor.

Em *As Pulsões e seus destinos*, Freud (1915/1996) discorre sobre o amor e ódio e a íntima relação entre ambos e a vida sexual, admitindo particularidades à respeito desta dinâmica, uma vez que estes não estão submetidos ao mesmo ordenamento determinado para as pulsões. Assim, afirma que ao amor estabelecem-se três oposições, que são a amar-odiar, amar e ser amado, querefleto a conversão da atividade em passividade, e a oposição de amor e ódio tomados em conjunto ao estado de indiferença. Sobre a segunda, o mesmo autor afirma que atualiza a situação fundamental da pulsão de olhar amar a si mesmo, o que caracteriza o narcisismo. Esclarece também, que para compreendermos estes múltiplos contrários do amor, é necessário o entendimento de nossa vida anímica em três instâncias as quais a governam: Eu-objeto, prazer-desprazer e ativo- passivo.

Segundo ele, a polaridade eu-não eu (sujeito objeto) é percebida pelo indivíduo desde muito cedo, à partir do momento em que este identifica a existência de estímulos externos, os quais ele consegue fugir, e de estímulos internos, cuja fuga não é inútil, e que exercem pressão constante. Já a instância prazer-desprazer, refere-se a uma enorme gama de sensações intimamente ligadas com a vontade, e polaridade ativo-passivo, onde o Eu é passivo diante dos estímulos recebidos do mundo exterior e ativo quando reage diante deles, por meio da atividade de suas pulsões. Depois, afirma o autor, essa polaridade atividade e passividade fundem-se com os conceitos de masculino e feminino, por ordem de fatores biológicos (FREUD, 1915/1996).

Em *A Pulsão e seus Destinos* (1915), o autor pontua que estas três instâncias possuem conexões entre elas, porém em uma situação especial, duas delas acabam coincidindo: Em estado narcisista (ou auto erótico, como na primeira fase de desenvolvimento infantil), o sujeito consegue obter prazer e satisfação em si mesmo de modo, e assim, seria indiferente ao mundo exterior. Assim, determinando o amar

como a ligação do Eu com suas fontes de prazer, neste estado, o Eu amaria apenas a si mesmo, caracterizando a primeira oposição ao amar, o amor-indiferença.

Contudo, este estado narcisista logo é superado, em virtude das demandas das pulsões sexuais, que exigem um objeto, e pelas pulsões egóicas, que não são satisfeitas de modo auto-erótico, e assim, se interpõe pela primeira vez esse objeto a ser encontrado exteriormente ao eu. Sob o imperativo do princípio do prazer, esse Eu tende a interiorizar esses objetos oferecidos apenas a medida em que oferecem prazer, e expulsa de si aqueles que oferecem desprazer, e assim, transforma-se do Eu-real em um Eu-prazer purificado, onde marca distintiva do prazer é colocada sobre todas as outras. Excluindo de si a parte desprazerosa, passa a projetá-la no mundo externo compreendendo como ameaçador, e assim, é estabelecida a conexão entre as proposições Eu prazer, e mundo exterior, desprazer, superando a indiferença.

Segundo Sigmund (1915), assim como o par de opostos amor-indiferença reflete a polaridade eu-mundo exterior, o autor afirma que a segunda oposição, amor-ódio, reproduz a polaridade prazer-desprazer ligada à primeira. Portanto, logo que a etapa puramente narcisista é ultrapassada, prazer e desprazer configuram-se como as relações com o objeto: quando este é fonte de sensações prazerosas, se estabelece uma atração, uma tendência de unir-se a ele; contudo, quando mobiliza desprazer, a tendência é evitá-lo. O eu odeia e anseia pela aniquilação de todos os objetos que se interpõem à ele como fonte de desprazer, indiferentemente se lhe signifiquem uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação, mobilizando sentimentos de agressão e destruição. Assim, fica evidente a complexa relação entre amor e ódio, que posicionam-se como opostos em relação ao material, pois possuem origens e processos de formação distintos, antes de alcançarem a dualidade prazer-desprazer, e em sua fase mais primitiva, amor e ódio tem grande proximidade em sua conduta diante do objeto, sendo na fase da organização genital o momento em que se estabelecem como opostos (FREUD, 1915/1996).

Deste modo, conclui Freud (1915/1996) que o ódio (como relação com o objeto) é mais antigo que o amor, pois tem sua origem na repulsa ao mundo exterior, que o “incomoda” com a produção de diversos estímulos. A história da origem das relações do amor explica essa ambivalência aliada ao ódio, considerando-o como um

resquíio das fases preliminares e não totalmente superadas do amar, atualizando a primitiva fonte de pulsões de conservação do Eu e retornando a fase preliminar sádica. Por isso, o autor nos fala que o ódio seria anterior ao amor, pois tem sua origem na repulsa ao mundo externo, que o incomoda com a produção de diversos estímulos.

Finalmente, o terceiro oposto admitido pelo amar, a transformação em ser amado, é equivalente a polaridade que domina a vida anímica atividade e passividade, sendo determinada como biológica, enquanto a do Eu/mundo externo é designada como a real e a do prazer/desprazer como a econômica.

O PAPEL DA HISTÓRIA NOS CRIMES DE ÓDIO – AUSCHWITZ

Segundo Adorno (2005), a barbárie continuará existindo enquanto também existirem os motivos que a promovem, e considerando que esta encontra-se presente no próprio princípio civilizatório e no curso de sua história, é importante que a sociedade esteja atenta e se oponha a isso, e um dos mecanismos mais adequados à isto a educação. Ainda de acordo com o autor, além de recordar-nos sempre do elemento “desesperador” que figura na violência, também se faz necessário o estudo da psicologia e das motivações que levam os sujeitos a cometerem esses atos violentos.

Deste modo, salienta que se deve buscar compreender as raízes dos crimes odiosos nos culpados, e não nas vítimas, que muitas vezes, padecem por motivos infames, como nos casos de Femicídio, onde as mulheres são reduzidas na maior parte dos casos, a objetos de posse do autor, desconsiderando sua qualidade de sujeita. Adorno (2005) evidencia assim, que apenas cientes das motivações de seu ódio excessivo e revelando a estes homens os mecanismos presentes em si mesmos que conduzem a ele, é que eles tomarão consciência e não retornarão a cometer atos de violência. Assim, defende que a educação tem papel primordial neste processo, permitindo a auto-reflexão crítica, e que ela deve ser garantida desde os primeiros anos de vida dos indivíduos, considerando o papel determinante da primeira infância na formação do sujeito e de toda a sua subjetividade. Aponta ainda, neste contexto, que em toda a história da humanidade a violência contra àqueles que são percebidos como mais fracos é repetida ao longo dos anos, fenômeno que pode ser percebido até os dias atuais, tendo em vista que em uma sociedade patriarcalista, assim como na antiguidade o homem ainda é visto como a figura de maior poder em relação à

mulher, fato evidenciado pelo crescente aumento de crimes violentos contra a figura feminina.

Adorno (2005) fala sobre o conceito de vínculo de compromisso, que seria este pacto assumido pelos membros de determinada civilização, como um acordo contra a violência, a crueldade e as condutas que pelo grupo são compreendidas como erradas ou ameaçadoras a este vínculo, contudo, quando estes compromissos não fazem sentido para os seus membros, implica em um falso aceite que culmina em uma ausência de consciência na escolha em quebra-lo.

Assim, o autor salienta que muitas vezes, em nome deste suposto vínculo moral, que por todos os membros deveria ser honrado, para aqueles que ousam agir de modo divergente é destinada a fúria dos demais, de modo que a consciência dos sujeitos não pensam por si própria e sim, pautada por autoridades exteriores. No que tange ao Femicídio, este fato é observado na prática em situações onde a mulher, é culpabilizada por sua tragédia, apenas por não estar agindo de acordo com o que determinadas regras morais exigem de sua conduta, quando por exemplo, a vítima é violentada ou sofre algum tipo de violência e abuso, e é julgada culpada pela sociedade por seu infortúnio, seja por estar com vestimenta inadequada, por ter bebido demais, ou por estar em um ambiente que não deveria, em horário que não deveria, entre outros. Afirma que o perigo em que os crimes de ódio tornem a acontecer, e assim, cresçam a cada dia, está no fato de não lembrá-los, por mobilizarem em nós sentimentos ruins ou hostis, como a culpa ou o horror. Deste modo, é importante que a história seja sempre recontada, estudada, comentada e exposta a população, para que os motivos que a precedem sejam coibidos, e este mesmo sentimento de horror permita a reflexão crítica das pessoas acerca de seus atos, de seus pensamentos e de suas condutas perante o outro.

CONCLUSÃO

Quanto ao problema de pesquisa proposto, à saber, a compreensão de quais as origens psíquicas que fundamentam os atos de violência contra a mulher e ao feminicídio, foi evidenciado o ódio ao feminino e ao enigma da feminilidade como possíveis causas para a prática do assassinato de mulheres apenas em razão de seu gênero. A Psicanálise afirma que são parte da constituição de todos os sujeitos o amor, o ódio, o narcisismo e esta disposição agressiva inata, a qual deve ser



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

reprimida para que se mantenha o convívio em sociedade, contudo, a pulsão de morte que anseia pelo retorno ao inanimado permanece latente, em busca de um objeto que permita sua satisfação. Em uma sociedade ainda dominada pelo sistema patricarlista, cujo poder e autoridade são centralizados na figura do homem, as mulheres seguem sendo destinadas a ocuparem o papel de inferioridade, objetificação e passividade diante da masculinidade, e àquelas que ousam optar por destinos diferentes e afirmando-se como sujeitos, como muitas vezes ocorrem quando estas põem fim a um relacionamento, ou não submetem-se a cumprir o papel que a posição feminina lhe exige, as consequências podem ser muito hostis, propiciando inclusive, discursos de culpabilização da vítima por seu infortúnio.

Este fato pode ser compreendido à luz da psicanálise e atribuído a ferida narcísica do homem e ao transbordamento da libido ao objeto resultante do estado de paixão, o indivíduo perde sua lógica e tem seus recalques suspensos, retornando à sua perversão infantil, só que em fase adulta, onde há a fixação em um objeto como forma de completude, e perdê-lo pode ser intolerável. Este viés machista, predominante inclusive na teoria psicanalítica clássica, chancela ao homem maior tolerância na realização de seus desejos narcísicos, e em nome destes, a prática de atos absurdos, como os atos de violência contra a mulher e até mesmo o seu assassinato.

No que tange ao feminicídio, a Psicanálise revela um componente odioso diante da feminilidade e do horror ao gozo feminino, já que não se pode compreendê-los a através do operador fálico, caracterizando a mulher como uma espécie de enigma inquietante, cujo mistério pode mobilizar sentimentos de ódio e horror por causa deste desconhecido, ou até mesmo tornar-se insuportável ao sujeito, culminando no desejo de sua aniquilação. Mesmo diante de várias tentativas, Freud não consegue elucidar a natureza da feminilidade em suas obras, contudo, atribui a ela uma qualidade de passividade e como um ser faltante, o que colocaria a mulher em posição de inferioridade sob o homem, ideia que culturalmente é reforçada por várias construções sociais ao longo da história, possibilitando ao agressor sentir-se possuidor da vítima, preferindo assassiná-la do que aceitar a rejeição, ainda mais considerando a cultura brasileira de descrença no poder judiciário e na aplicação e cumprimento de penas justas pelo crime cometido. Sobre as pulsões de vida e de morte, Freud (1915/1996) afirma que a dinâmica



entre elas é que constitui a vida de um sujeito, e que ambas são componentes necessários para a vivência de uma sexualidade, assim como os constructos simultâneos e ambivalentes de amor e ódio, tanto na constituição do sujeito como de suas relações e da sociedade de modo geral.

Deste modo, encontramos importante contribuição psicanalítica na percepção do mecanismo do feminicídio, compreendido como um crime de ódio, em grande parte das vezes, cometido pelo companheiro, ex-companheiro ou indivíduo com vínculo afetivo ligado à vítima: a teoria explica que após a superação da etapa puramente narcisista onde amor e ódio são dotados de indiferença, prazer e desprazer configuram-se como as relações com o objeto: quando este é fonte de sensações prazerosas, se estabelece uma atração, uma tendência de unir-se a ele e dele se apoderar, entretanto, quando este objeto nos mobiliza desprazer, a tendência é evitá-lo. Trazendo esta ideia para o problema da pesquisa, conclui-se que quando a mulher, objeto de prazer, por alguma razão passar a ser objeto deste desprazer, seja por sua conduta ou pela tentativa de colocar um empecilho ao alcança da meta da pulsão, o Eu percebe este movimento como desprazeroso e destina a ela sua ira, ansiando por sua aniquilação, enquanto objeto que se interpõe à ele. Assim, são mobilizados sentimentos de agressão e destruição, transbordando essa agressividade inata e reprimida, ocasionando práticas de violência que culminam no assassinato da vítima.

Sendo assim, considerando todos os fatos acima arrolados, a pesquisa permitiu concluir por meio da teoria psicanalítica, que o ódio enquanto um movimento pulsional agressivo e sexual, é originado como uma regressão pulsional primitiva e anti-civilizatória, surgindo como uma resposta do homem (agressor) por não conseguir suportar este enigma feminino e da castração, que encontra na relação de poder uma forma de elaboração. Assim, Adorno (2005) propõe como saída, a promoção de conhecimento, esclarecimento e cultura à população, possibilitando a partir disso condições de reflexão e consciência crítica dos sujeitos, permitindo a evolução de movimento de amor e ódio, para o de amar e ser amado, movimento mais complexo e menos primitivo do Eu. Também se faz oportuno o necessário investimento em políticas públicas e conscientização da sociedade sobre a desigualdade de gênero assim como na proteção da mulher, que ainda que tenha conseguido ao longo dos últimos anos muitas conquistas rumo à sua autonomia e liberdade, ainda é colocada em posição de vulnerabilidade na cultura.



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

REFERENCIAS

ADORNO, T.W. Educação após Auschwitz. In: **Palavras e sinais. Modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 1995.

.Anuário Brasileiro de Segurança Pública. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2021. Disponível em: < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-feminicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contra-meninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf>> Acesso em 28 Nov. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm> Acesso em: 12 Nov.2022

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1900] 1996, v. IV

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1920] 1996, v. XVIII

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos: obras incompletas de Sigmund Freud**. 1º Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. **Feminilidade**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1905] 1996, v. XXII

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1905] 1996, v. VII

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organizadores). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora daUFRGS, 2009

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê Femicídio**. 2016. Disponível em: < <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/ violencia/ violencias/ cultura-e-raizes-da-violencia/#>> Acesso em 12 Set. 2021

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KLIPAN, M.L. Klein e a feminilidade. **Coleção Personalidades**. Maringá: Perfil Editora, 2022.

LE MOS, J. G. **O que Sigmund Freud nos fala sobre ódio?** Psicanálise & Barroco em revista, Sergipe. v.17, n. 3. Dezembro de 2019

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Horror à feminilidade. **Fazendo gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010.

RIGUINI, R. D.; MARCOS, C. M. Cinco notas sobre o Femicídio a partir da

Psicanálise. **Revista Subjetividades: Edição Especial As Psicanálises e as Formas do Político**. Fortaleza, p. 1-10, 2018.

ROMÃO, Jéssica. Femicídio: o que é, origens, estatísticas e quais ações. **Redação Psicanálise Clínica**. 2021. Disponível em:
<https://www.psicanaliseclinica.com/femicidio/#Conceituando_o_termo_Femicidio
> Acesso em: 15 Nov. 2021.

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. 1 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

VALDIVIA, O.B. Psicanálise e Feminilidade: Algumas Considerações. **Psicologia Ciência e Profissão**. São José dos Campos, v.17, n.3, p. 20-27. 1997.

SANTOS, C. A. L. **A agressividade e seus destinos**. 2016. 137 pg. Programa de Pós Graduação em Psicanálise. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.